

Escola nova em Ceilândia evita mortes na estrada

Ana Júlia Pinheiro
Da Equipe do Correio

Nada mais Darcy Ribeiro do que a inauguração da escola com seu nome no Condomínio Privê, em Ceilândia. O povo dançou e fez festa como gostaria de assistir o antropólogo que adorava gente e vida. Melhor ainda se ele visse que as mulheres estavam em maioria no grupo que rebolava. Foi talvez o único intelectual famoso que chamava a si mesmo de *mulherengo*.

No trio elétrico, a baiana Márcia Freire canta *Vermelho*. Não é à toa. O nome da música, cor da bandeira do PT, avisava que chegava o dono da festa: o governador Cristovam Buarque. As crianças correm ao pátio da escola para ouvir os discursos. Os pais vêm a reboque. Com o colégio de primeiro grau na porta de casa, ninguém vai precisar atravessar as quatro pistas da BR-070.

ALUNOS

Da 1ª à 4ª série há 300 alunos matriculados, transferidos de outras escolas, para as aulas que começam hoje. Sandra, 9 anos, aprendeu com sofrimento o risco de atravessar a BR. Há três anos seu pai, Adilson Nascimento, 30 anos, foi atropelado. Ele quebrou tanto os ossos que perdeu a força dos braços, não pôde mais ser jardineiro. Trabalha vendendo picolé. "Essa escola tem mais segurança", diz a menina.

O deputado federal Chico Vigilante (PT-DF) explica que o governador foi obrigado a construir a escola em madeira, bem mais modesta do merecia a comunidade de 20 mil pessoas. "O pessoal do Tribunal de Contas da União não deixou colocar tijolo. Disseram que isso aqui é irregular e construção deveria ser provisória". A madeira esquentará os dias e há de gelar as noites da escola vermelha e rosa.